

**Uma experiência de curso online de grego antigo para um público brasileiro utilizando o método em inglês *Greek. An Intensive Course* de Hansen e Quinn**

Félix Jácome Neto

Doutorando em Estudos Clássicos - Mundo Antigo - na Universidade de Coimbra  
Bolsista CAPES

[felixjacome@hotmail.com](mailto:felixjacome@hotmail.com)

Camila Gusmão de Almeida

Psicóloga, Especialista em Psicologia Organizacional pela Universidade de Mogi das Cruzes  
[cg\\_milla@hotmail.com](mailto:cg_milla@hotmail.com)

Ygor Klain Belchior

Doutorando em História Social na Universidade de São Paulo, Professor de História Antiga na Universidade Federal de Ouro Preto

[ygorklain@gmail.com](mailto:ygorklain@gmail.com)

### RESUMO

Este artigo discute a experiência de um curso de língua grega antiga para iniciantes ministrado gratuitamente via internet. O curso utilizou como livro de base o método inglês de Hansen; Quinn (1992) [*Greek. An intensive Course*]. O artigo começa com uma introdução que identifica a necessidade de apoiar a crescente produção acadêmica brasileira voltada a temas da antiguidade com o fortalecimento do ensino-aprendizagem dos textos clássicos em suas línguas originais. Em seguida, o artigo divide-se em duas seções. Na primeira seção, o docente discute a estrutura do curso e a dinâmica do ensino online do grego antigo, dando ênfase a dois assuntos que são em geral vistos superficialmente em cursos introdutórios: a história da língua e do alfabeto grego, e a acentuação das palavras. Na segunda seção, dois discentes que fizeram o curso descrevem e avaliam os seus elementos pedagógicos: a plataforma online do curso, a sala de aula virtual, os materiais didáticos, as formas de avaliação, os debates via fórum virtual, a interação entre os estudantes e destes com o professor. Por fim, o artigo conclui com alguns pensamentos sobre o desafio de ensinar o grego antigo através da internet.

**Palavras-chave:** Línguas Clássicas; Ensino do Grego Antigo, Educação on-line.

### ABSTRACT

This article discusses the experience of an ancient Greek language course for beginners through via the internet for free. The course used the Hansen and Quinn's textbook [*Greek. An intensive Course*]. The article begins with an introduction that identifies the need to support Brazil's growing scholarship on antiquity by strengthening teaching and learning of classical texts in their original languages. After this, the article is divided into two sections. In the first one, the course's teacher discusses the course structure and the dynamics of online teaching of ancient Greek language, emphasizing two topics that are mostly only superficially addressed in introductory courses: the history of ancient Greek language and its alphabet, and the ancient Greek accentuation. In the second section, two students who took the course describe and evaluate its pedagogical elements: the online education platform, the virtual classroom, the

teaching materials, the method of assessment, the virtual discussion forum, the interaction between instructor and students as well as among students. At the end, the paper concludes with thoughts on the challenge of teaching ancient Greek language via the internet.

**Keywords:** Classical Languages; Teaching of the Ancient Greek; Online Education

*There will come a day when nobody will  
read Ancient Greek anymore. But Homer  
and the New Testament will almost  
certainly be the last two texts to go.*

M. Mueller <sup>1</sup>

A nível internacional, a fortuna bibliográfica voltada aos estudos sobre a antiguidade grega e romana é cada vez mais importante: o "boom" de livros e artigos sobre antiguidade vivenciado nas últimas décadas demonstra um forte investimento na investigação e sua consequente publicação, bem como no arcabouço institucional que fomenta a investigação: centros de pesquisa, formas de financiamento, criação de revistas especializadas, aumento do espaço reservado aos temas da antiguidade nas linhas editoriais, etc<sup>2</sup>.

Discutir as razões desta "inflação" bibliográfica e a sua consequência para o trabalho do docente e do pesquisador está fora do âmbito deste artigo<sup>3</sup>, o que interessa destacar é um aparente paradoxo que se manifesta no interior dos estudos sobre a antiguidade clássica: ao passo que aumenta o trabalho de pesquisa na área percebe-se que o ensino e a procura por cursos de grego têm decaído significativamente: são cada vez menos estudantes inscritos em cursos de grego antigo, mesmo em países onde há uma forte tradição de estudos clássicos e História Antiga, como EUA ou França. Nesse sentido, a conclusão do balanço sobre o atual panorama dos estudos do grego no mundo ocidental feito por Evans (2003) é significativa: "em relação ao grego, então, pode ser apenas um ligeiro exagero sugerir que nós estamos retornando para uma situação muito similar para aquela do fim da Idade Média quando o Grego foi quase desconhecido entre os ocidentais educados" (p. 20).<sup>4</sup>

Este cenário de desequilíbrio entre crescente produção vinda da pesquisa e decrescente número de estudantes inscritos em curso de grego pode levar à conclusão que muitos jovens pesquisadores estão escrevendo sobre antiguidade sem (ou com muito pouco) conhecimento das línguas antigas. Há uma opção de fazer disso uma virtude, ao investir a energia do investigador em traduções e comentários, dispensando a língua antiga<sup>5</sup>. No entanto, acreditamos que os estudos sobre o mundo clássico ganharão novo vigor se calibrarmos esse desequilíbrio entre pesquisa e ensino: é preciso investir mais no ensino das línguas antigas, mostrando sua importância, usando novas tecnologias, aproveitando o interesse que já existe sobre os assuntos da antiguidade.

Se este é o panorama nos principais países da tradição dos estudos sobre Antiguidade, não se pode falar para o caso brasileiro, e mesmo para a lusofonia, de enorme abundância de bibliografia sobre o mundo antigo: a expansão da demanda pelos estudos sobre antiguidade é relativamente recente no Brasil<sup>6</sup>. Para qualquer aluno de graduação ou pós-graduação da área de humanidades é evidente que os estudos sobre a antiguidade clássica atingiram um grau de evidência bem interessante no que tange ao cenário de publicações, eventos e criação de laboratórios de pesquisa. Afinal, somente nos últimos quinze anos foi possível observar que muitos dos alunos oriundos de Instituições de Ensino Superior (IES), no Brasil, especialmente na área de Letras, História e Filosofia, passaram a seguir seus estudos direcionados aos temas trabalhados pelo recorte, por assim dizer, da antiguidade ou especificamente da antiguidade clássica<sup>7</sup>.

Sabendo do cenário de desajuste entre pesquisa sobre antiguidade e ensino-conhecimento das línguas antigas a nível internacional, pensamos que os caminhos trilhados por uma antiguidade vista a partir do Brasil pode ser feita de forma mais profícua se, desde agora, valorizarmos e divulgarmos a importância de conhecer as línguas originais dos textos com os quais cada vez mais pessoas estão em contato, via traduções, na condição de estudantes, professores ou pesquisadores.

Diante do que foi exposto, o presente artigo pretende oferecer uma contribuição sobre a reflexão acerca do ensino-aprendizagem das línguas clássicas ao trazer para o debate acadêmico uma experiência recém-concluída de curso introdutório de grego antigo realizado integralmente via internet. A nossa expectativa é que o texto seja útil tanto para professores das línguas clássicas como para potenciais estudantes destas línguas. Para tanto, a primeira parte do artigo (tópico 1), escrita em primeira pessoa do singular, discute a estrutura e o plano de ensino conforme foi formulado pelo docente responsável pelo curso, Félix Jácome Neto, enquanto a segunda parte (tópico 2), escrita em primeira pessoa do plural, expõe impressões e reações sobre a experiência do aprendizado do grego por parte de dois discentes do curso, Ygor Klain Belchior e Camila Gusmão de Almeida. A presente introdução e a conclusão foram redigidas pelos três autores.

### **1. A estrutura e o plano de ensino do curso**

O curso foi composto por treze semanas de aulas, compreendidas entre 09 de novembro de 2014 e 11 de fevereiro de 2015. Cada semana conteve quatro horas de aulas distribuídas por dois dias. Assim, foram totalizadas vinte e seis aulas com uma carga horária de 52 horas apenas de sala de aula. Quando somado o tempo de estudo individual por parte dos discentes (aproximadamente uma hora de estudo individual para cada hora de aula) o curso teve um total de 104 horas de atividade curricular<sup>8</sup>.

A plataforma de ensino à distância utilizada foi o sistema do site <https://www.wiziq.com>. Esta plataforma oferece tanto a possibilidade de criação de uma página específica para o curso, com local para organizar os materiais didáticos e o fórum de debates, como também possui o recurso de uma sala de aula virtual, composta por um espaço com vídeo e áudio para o docente, um espaço para *chat*

(mensagens de texto) no qual os alunos podem digitar comentários e questões, acompanhados pelos colegas e pelo professor, e ainda um espaço no qual podem tanto ser carregados materiais em diversos formatos, como também um quadro branco que pode ser utilizado pelo docente para as explicações, e mesmo pelos alunos, quando habilitados, que podem interagir e escrever no quadro, resolvendo exercícios, por exemplo<sup>9</sup>.

O fato de o docente viver em Portugal fez com que a chamada para angariar os estudantes brasileiros interessados em fazer o curso fosse feita completamente pela internet, nomeadamente através das redes sociais e de grupos virtuais de discussão de História Antiga e Filosofia Antiga<sup>10</sup>. Para concorrer a uma vaga foi pedida uma carta de motivação, na qual o candidato mencionava seu percurso acadêmico, o motivo do seu interesse com o grego, e as expectativas pessoais com o curso. Cumpriram com o critério de candidatura noventa pessoas<sup>11</sup>, entre as quais foram escolhidas quarenta e três para formar a turma.

A formação da turma que faria o curso foi realizada com antecedência de dois meses em relação ao início das aulas, o que permitiu tanto que os discentes se familiarizassem com o ambiente virtual do curso, como também que já efetuassem algumas tarefas preliminares, especialmente o conhecimento e identificação do alfabeto do grego, incluindo a ordem das letras e as normas de transliteração para o português.

### 1.1. Abordagem e livro base

O livro que norteou o curso foi Hansen; Quinn (1992) (daqui para frente *H&Q*). Trata-se da segunda edição de um livro muito utilizado no mundo anglo-saxão para o ensino do primeiro ano de grego ático. Apesar do livro ser em inglês, não havia necessidade de o estudante saber ler esta língua, porque foi facultado em português, pelo ministrante, o vocabulário das palavras gregas usadas nas lições, além do que as explicações gramaticais foram feitas em português no contexto das aulas. Materiais didáticos complementares ao livro de *H&Q* foram fornecidos aos estudantes de acordo com a progressão do curso. Este livro possui um conteúdo introdutório e mais vinte unidades. O objetivo do curso foi o estudo da introdução e das duas primeiras unidades, o que foi condizente com a carga horária já mencionada.

Como docente deste curso online de grego antigo, eu compartilho a observação que inicia uma resenha feita por Barbara Clayton: "eu não conheço ninguém que ensine o primeiro ano de grego que esteja completamente satisfeito com o seu livro de base."<sup>12</sup> A escolha do método elaborado por *H&Q* deveu-se sobretudo à sua capacidade de conciliar uma apresentação do conteúdo gramatical e morfológico de maneira relativamente exaustiva com uma exposição clara e sucinta do material. Assim, por exemplo, na primeira unidade do livro é apresentado o básico da primeira e da segunda declinação dos nomes, incluindo as declinações no singular e no plural (o dual é deixado para o apêndice do livro), como também a declinação completa dos artigos (novamente com exceção do dual, presente no apêndice)<sup>13</sup>. As unidades dois e três apresentam diversos tempos verbais, incluindo os modos optativo e subjuntivo. A sequência do conteúdo, embora intensiva como o título do livro indica, não é, contudo,

incontrolável. Uma das metodologias que se mostrou eficaz no curso para evitar a exposição excessiva de informações gramaticais aos discentes foi respeitar a subdivisão no interior das unidades sugerida pelo livro, através dos numerosos exercícios de verificação de aprendizagem (*drill exercises*). Este tipo de exercício, presente em cada unidade, sugere eficazmente o momento em que se deve passar da exposição teórica para a prática de exercícios, permitindo aos discentes praticarem gradualmente as noções teóricas e, também, prepararem-se para a resolução dos exercícios mais complexos de tradução que encerram as unidades. Compreensivelmente, apesar da língua original do livro, as traduções durante o curso foram do grego para o português e, em menor quantidade, do português para o grego.

Um livro feito para orientar um curso de introdução ao grego antigo não pode, compreensivelmente, tudo ensinar. Nesse sentido, a ênfase dada pelo livro ao binômio gramática-exercício secundariza, por exemplo, temas da cultura da Grécia antiga, justamente um ponto forte de outros métodos, como o *Athenaze* e o *Reading Greek*. A presente experiência de curso de grego antigo procurou superar alguns dos limites da abordagem meramente gramatical, ao diversificar o tipo de atividade e de conteúdo oferecidos pelo curso: uma das metas foi a discussão do diálogo *Críton* de Platão, que permitiu abrir uma janela para o contexto histórico e cultural da Grécia clássica através de um assunto que chama a atenção dos estudantes: o processo judicial e a morte do filósofo Sócrates.

O perfil do livro de *H&Q* é, portanto, gramatical, como é a abordagem estruturante do curso online de introdução ao grego em questão. Isto significa que a metodologia central do curso, apesar de ter havido incursões no ambiente cultural dos gregos, consistiu sobretudo de exposição e debate dos elementos teóricos e gramaticais na sala de aula virtual, seguidos de exercícios feitos pelos discentes versando, principalmente, sobre identificação morfológica e sintática, bem como a tradução do grego para o português<sup>14</sup>.

É certo que, no seio da discussão sobre a didática das línguas clássicas, esta abordagem “tradicional” de ensino das línguas, ancorada na teoria gramatical, na leitura de textos e na tradução, tem sido bastante criticada substancialmente pelo motivo que ela parece andar na contramão do que está a ser recentemente recomendado pelos estudos linguísticos acerca do ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras modernas. Enquanto estes trabalhos apontam que a melhor maneira de aprender uma segunda língua é simular o ambiente oral e comunicacional a partir do qual uma criança aprende seu idioma materno<sup>15</sup>, a versão tradicional da didática das línguas antigas continuaria presa a um modelo textual e não comunicacional, onde a participação ativa dos discentes preconizada pelos estudos recentes não encontraria guarida num modelo de teoria-tradução que faria do discente um elemento passivo na sala apenas escutando e anotando o conteúdo gramatical do professor-expositor.

Em relação ao que foi dito, é importante ter em mente que a aquisição do grego antigo e do latim através fundamentalmente da oralidade e da comunicação dentro de um ambiente real de falantes nativos é impossível, pelo fato de que essas línguas nos foram herdadas apenas por textos escritos e não há nada parecido com falantes nativos do grego de Platão ou do Latim de Cícero. Ainda que seja possível simular um ambiente de falantes dentro da sala de aula, procedimento que alguns professores e

métodos de grego e latim defendem e têm posto em prática<sup>16</sup>, é preciso lembrar que nós não sabemos com segurança se o que se fala hoje em sala de aula é similar ao som e à pronúncia que estes idiomas possuíram na antiguidade<sup>17</sup>.

Apesar da erudição vinda de propostas recentes de pronúncia restaurada do grego ático, é preciso não confundir som e descrição de som: as fontes antigas usadas pelos estudiosos para resgatar o som do grego antigo são descrições de som e não som propriamente dito: “pronúncia real, no entanto, não é uma matéria de teoria, mas de práxis: som real, não descrição de som” (Dillon 2001: 323). Diante deste impasse, a proposta de Dillon (2001) e de outros docentes, de utilizar o grego moderno - o meio linguístico vivo mais próximo do grego antigo - como ponto de partida para a padronização de um “grego antigo em boca moderna” é interessante, mas possui a evidente dificuldade prática de exigir do professor e do estudante de grego antigo um conhecimento avançado do grego moderno.

Por mais que seja interessante a utilização de recursos e práticas pedagógicas que estimulem o desenvolvimento da habilidade oral da língua<sup>18</sup>, permanece o fato de que o objetivo central do aprendizado das línguas clássicas é a leitura e, eventualmente, a tradução, dos textos que nós possuímos escritos em grego antigo e em latim<sup>19</sup>. Sendo assim, a metodologia de ensino-aprendizagem precisa estar condizente com este objetivo, bem como com a particularidade das línguas antigas de não possuírem um meio falante como possuem as línguas modernas. O que foi exposto não significa uma contraposição total entre habilidades orais e habilidades de leitura, mas sim que o desenvolvimento das competências orais das línguas antigas deve ser pensado em função da leitura e da tradução dos textos antigos.

De forma articulada a este objetivo central de iniciar os estudantes na leitura e tradução do grego antigo, o curso em destaque teve como objetivos secundários: compreender certas características da língua portuguesa de forma mais consciente e fundamentada; conhecer e utilizar parte da terminologia pertinente à análise dos fenômenos linguísticos; começar a atividade de comparar as diferenças entre duas traduções face ao mesmo texto original grego; introduzir os discentes em pequenas tarefas de investigação a partir do material do site *Perseus Digital Library*<sup>20</sup>.

## **1.2. O que ensinar e como ensinar em um curso online para iniciantes? A proposta do presente curso**

De forma a atingir os objetivos mencionados no tópico anterior, o conteúdo programático do curso foi dividido em quatro blocos: um bloco propedêutico, que fez um panorama sobre a história da língua grega e do seu alfabeto; uma introdução, que apresentou a pronúncia das letras, bem como certas noções elementares do sistema de escrita grego: o espírito áspero e brando, ditongos, iota subscrito e iota adscrito, classificação das consoantes (simples e duplas) e pontuação; assim como duas unidades, uma que apresentou o sistema dos nomes e das declinações, enquanto a outra unidade iniciou o tema do sistema verbal do grego antigo<sup>21</sup>.

Em relação à explicação do conteúdo do presente artigo, a fim de evitar uma exposição muito descritiva e extensa, faz-se necessário pormenorizar apenas alguns dos assuntos vistos no curso<sup>22</sup>. Nesse sentido, os próximos subtópicos discutirão com algum detalhe como foi a dinâmica do ensino-aprendizagem de dois temas que são, por vezes, secundarizados em cursos introdutórios, a saber, a história da língua e do alfabeto grego, e os princípios da acentuação das palavras.

### **1.2.1. A relevância de apresentar temas de linguística histórica e da história da língua grega em um curso introdutório**

O grego ático, objeto do curso, faz parte de um idioma cuja evolução já remontava a centenas de anos. Um curso introdutório de grego pode abstrair qualquer perspectiva diacrônica do estudo da língua e abordar o grego ático dos séculos V e IV. a.C. como um sistema sincrônico e fechado em si mesmo. Certamente, há alguma vantagem em proceder desta maneira, visto que tópicos de linguística histórica acumulam a carga de assuntos a aprender e de informações a sintetizar pelos iniciantes. É pertinente, todavia, inserir algumas noções de linguística histórica e da história da língua grega para que o estudante seja educado a ver no grego ático uma língua, com sua história e sua evolução, e não apenas um conjunto de códigos que devem ser decifrados e traduzidos.

Por razões pedagógicas o presente curso optou por explorar algumas destas noções, enquanto omitiu outras que julguei mais apropriadas para uma fase posterior do estudo da língua. Na fase propedêutica do curso, que teve como objetivo situar o estudante dentro da história tanto da língua como da escrita grega, foram abordados, através de aula expositiva com *slides*, os fenômenos relacionados da “descoberta do indo-europeu” nos séculos XVIII e XIX d.C., e da constituição dos métodos e objetivos da linguística histórica. Na aula seguinte, foi feito um breve panorama geral sobre a história da língua grega e sua inserção dentro das línguas indo-europeias, onde foram comentadas as grandes fases de desenvolvimento da língua grega na antiguidade<sup>23</sup>, dando destaque a uma abordagem do grego na qual esta língua aparece como fruto do desenvolvimento de um idioma indo-europeu em interação com outros idiomas da área do mar Egeu<sup>24</sup>. A partir da distinção entre língua (ou idioma) e sistema de escrita, foi mostrado em aula que a língua grega, durante a antiguidade, foi registrada em três sistemas de escrita diferentes: o Linear B micênico, o silabário cipriota e o alfabeto adaptado do sistema fenício<sup>25</sup>. A partir de imagens destes sistemas de escrita mostradas em aula e de algumas observações sobre a forma particular como cada um deles registrou o som da língua grega, foi possível estabelecer outra distinção importante: aquela entre grafema e fonema. Uma aula completa foi dedicada à história do alfabeto grego: desde a sua adaptação junto aos fenícios, passando pela diversidade de variantes locais que caracterizou a propagação e consolidação do alfabeto grego no período arcaico, até a adoção das normas do alfabeto jônico pela Ática em 403/2, com a consequente padronização das letras que constitui a base do alfabeto com o qual trabalhamos.

Os temas relacionados dos sistemas de escrita que registraram a língua grega e da adaptação grega do alfabeto fenício permitiu-nos abordar o contexto do Egeu e Mediterrâneo do final do segundo milênio e começo do primeiro milênio a.C. Foi uma oportunidade para retificar, tanto através das aulas como do rico debate que houve no fórum, algumas ideias equivocadas. Por exemplo, a crença de que a escrita encontrada em Creta, a *Linear A*, registraria com certeza uma língua grega. Vale ressaltar que o estado atual dos conhecimentos sobre a *Linear A* não permite, ainda, a sua decifração, nem afirmar, com qualquer grau de certeza, que a língua que a *Linear A* registra é grega.

Assim sendo, as primeiras aulas ofereceram uma visão de conjunto sobre a história da língua e do alfabeto grego. A apresentação visual da epigrafia arcaica com a presença de variantes regionais da mesma letra do alfabeto causou muita curiosidade nos estudantes, que perguntavam o porquê de tal forma ou mesmo o porquê de tanta variedade na ortografia das letras. Por que, para citar um caso, em Corinto no período arcaico o grafema da vogal iota assemelhava-se a um sigma, distinguindo-se da grafia da mesma vogal em regiões vizinhas? Esta espécie de espanto foi estimulada através do debate acerca de algumas explicações possíveis para o fenômeno das “escritas locais” (“*local scripts*”), que não excluem mesmo motivos identitários para justificar a razão pela qual determinada pólis manteve, por exemplo, um determinado formato de dada letra<sup>26</sup>.

O curso, por outro lado, seguindo a orientação do seu livro base, optou por adiar o ensino da maior parte dos fenômenos de fonética histórica do grego, como a apofonia, a metátese, as contrações, alongamentos de vogais breves ou abreviamentos de vogais longas ou ditongos. Segundo essa proposta, estes fenômenos devem ser explicados gradualmente durante os estágios mais avançados do ensino da língua<sup>27</sup>.

### **1.2.2. A importância de apresentar uma explicação relativamente exaustiva sobre a acentuação das palavras**

O estudo da acentuação das palavras no grego antigo é importante de acordo com diversos registros. Por exemplo, ter noção de acentuação é importante para a compreensão da métrica e da poesia grega, bem como para pronunciar de maneira mais destacada a sílaba onde recai o acento - uma convenção da pronúncia escolar ou erasmiana -, e, ainda, aprender a acentuação é fundamental para fazer a distinção de certos termos que não se diferenciam senão pelo acento, como, por exemplo, τίς (pronome interrogativo: "quem?") e τις (pronome indefinido: "qualquer um") ou ἄλλὰ (conjunção adversativa: "mas") e ἄλλα (adjetivo no gênero feminino e no plural do nominativo, vocativo ou acusativo: "outros")<sup>28</sup>.

Devido à relevância do assunto, o curso manteve a opção do livro base de apresentar, aos iniciantes, as regras de acentuação do grego antigo. A explicação do livro, contudo, apresenta as regras como objetos de memorização, sem que o leitor ou o estudante perceba a lógica que rege o tipo e a posição dos acentos nas palavras gregas. Como docente, o caminho que foi proposto aos estudantes foi

diferente. Ele começou por desnaturalizar nossa percepção eventualmente monolíngue da pronúncia das palavras, ao destacar que o ritmo, a intensidade e o tempo de pronúncia das palavras são específicos a cada língua. No caso do grego ático, como explicam Lukinovich; Steinrück (2009: 1-2), existia um acento “musical” que se manifestava sob a forma de uma curva contínua que cobria habitualmente mais de uma sílaba, em contraste com o acento de intensidade que atinge ou reforça uma única sílaba da palavra deixando as outras sem acentuar<sup>29</sup>.

Mais especificamente, foi seguida a proposta de estudos linguísticos recentes de estabelecer um campo de co-intonação (*contonation*, em inglês), que compreende ambas a subida e a descida da curva melódica. Além disso, é preciso definir a unidade padrão ou mínima sobre a qual incide a acentuação não como equivalente à sílaba, mas como um intervalo de tempo que pode ser, inclusive, intra-silábico. Esta unidade os linguistas chamam *mora*<sup>30</sup>. Este intervalo de tempo corresponde à quantidade melódica de uma vogal ou ditongo, sendo que, para efeito de acentuação, a vogal breve conta uma *mora*, enquanto a vogal longa conta duas *morae*<sup>31</sup>.

Por exemplo, na palavra μισάνθρωπος (μι - σάν - θρω - πος), o acento agudo indica a subida da melodia na sílaba acentuada e a sua descida na sílaba seguinte. Assim, o campo de co-intonação via acento agudo consiste em toda a sílaba acentuada e mais toda a sílaba seguinte (neste exemplo, - σάνθρω-). Já na palavra στρατιῶται (στρα - τι - ῶ - ται), o acento circunflexo significa uma emergência da melodia sobre a primeira *mora* de uma vogal longa (ou ditongo) seguida da descida da melodia na segunda *mora* da mesma vogal longa ou ditongo. Portanto, no caso do acento circunflexo o campo de co-intonação limita-se apenas à sílaba acentuada (neste caso, ῶ), que contém, como vimos, duas *morae*.

Pois bem, levando em consideração essas observações, é mais compreensível para os estudantes que a Lei da Limitação ou Lei das últimas três sílabas, segundo a qual apenas as três últimas sílabas de uma palavra podem ser acentuadas, é uma decorrência de um princípio mais vasto ligado à especificidade da *prosōdia*, literalmente “canto acrescentado”, do grego clássico. Este princípio geral da acentuação diz que o campo de co-intonação não pode ser seguido por mais de uma *mora* antes do fim da palavra. Por exemplo, no nominativo singular ἄνθρωπος (ἄν - θρω - πος), o campo de co-intonação consiste da sílaba acentuada e toda a sílaba seguinte (ἄνθρω-), o que faz sobrar até o fim da palavra a sílaba - πος, que contém uma vogal breve, logo possui apenas uma *mora*. Sendo assim a palavra cumpre o requisito do princípio geral da acentuação de não permitir mais de uma *mora* até o fim da palavra. Já no dativo plural ἀνθρώποις (ἀν - θρώ - ποις), o acento agudo, embora de tipo persistente, é obrigado a mudar de sílaba, pois se mantivesse o acento no primeiro alfa contrariaria o princípio da acentuação, uma vez que sobriam duas *morae* na última sílaba (-ποις), pois esta inclui um ditongo, que contém, como vimos, duas *morae*.

Em língua portuguesa, a gramática de Freire (1987), refletindo a prática das gramáticas mais antigas, limita-se a mencionar a Lei da Limitação e a Lei do Circunflexo, apontando algumas breves exceções. O livro de Murachco (2001) oferece uma exposição já influenciada pelo caráter melódico ou

“musical” do acento em grego, que utiliza uma terminologia um pouco diferente da exposta neste tópico. O referido especialista emprega, por exemplo, “tempo”, onde aqui se fala “*mora*”, porém a base do raciocínio é a mesma.

A explicação do tópico da acentuação ocorreu basicamente através de uma exposição oral apoiada por *slides*, que continham a síntese das informações e uma quantidade significativa de exemplos de palavras gregas. A principal “tarefa de casa” que os estudantes fizeram sobre este assunto foi uma atividade com base na primeira página do texto grego do *Críton* de Platão. Eles destacaram dez palavras acentuadas com mais de uma sílaba, e, para cada uma delas, expuseram quantas sílabas a palavra continha<sup>32</sup>, qual o tipo de acento (agudo, circunflexo ou grave), em qual sílaba incidia o acento (última, penúltima ou antepenúltima), qual era o campo da co-intonação, quantas *morae* sobravam até o fim da palavra. Por fim, eles disseram se o princípio geral da acentuação se confirmava para as palavras escolhidas. O exercício foi bastante exitoso e estimulante aos discentes pelo fato de ser um “texto real” em grego, que, aliás, eles já conheciam através da leitura prévia sob forma de tradução.

O fato de ser um texto grego autêntico, contudo, tem o inconveniente, para um curso introdutório, de apresentar informações ainda não vistas pelos estudantes. No entanto, o docente pode controlar o aprendizado e usar o texto autêntico como algo positivo. Por exemplo, alguns estudantes notaram que certas palavras no *Críton* pareciam contrariar o princípio geral da acentuação. O docente chamou a atenção deles para a forma como terminavam essas palavras: com o ditongo -oi ou o ditongo -ai. Com isso foi introduzida a regra de que, salvo exceções, nas palavras que terminam com estes ditongos em posição final a última sílaba conta como breve para efeito de acentuação. O fato de os estudantes terem tentado previamente, por conta própria, entender a acentuação destas palavras pode facilitar o entendimento da regra.

## 2. A experiência da aprendizagem do grego antigo sob a ótica discente

Do ponto de vista do discente, foi necessário a consulta regular de gramáticas da língua portuguesa ou até mesmo assistir vídeos explicativos que dirimissem os problemas com nossa própria língua nativa para que, enfim, nós pudéssemos compreender certas noções do grego antigo, como as declinações de artigos e os casos, a identificação de sujeito e predicado ou a estrutura de frase com verbo de ligação. Dessa forma, como discentes, sentimos que o professor e a didática que foi oferecida pelo curso ajudaram a superar estas dificuldades com a nossa língua.

Vale ressaltar que a forma como o curso abordou a comparação entre o português e o grego evidencia que não se trata de um curso pré-moldado, feito para ser a mesma atividade de sempre, como certos vídeos de ensino de Latim e Grego provenientes de institutos que não visam o ensino em uma qualidade acadêmica e nem direcionam sua metodologia ao aluno<sup>33</sup>. Ou seja, em uma atividade futura com outra turma, mesmo usando o livro como base, o professor consegue dar o sentido que ele julgar mais adequado ao perfil dos estudantes.

### 2.1. Considerações dos discentes sobre os momentos pedagógicos do curso

No momento de abertura das inscrições para o curso, foram passadas todas as informações necessárias aos candidatos. Uma vez comunicada a aprovação, as demais instruções foram fornecidas pelo docente a respeito do cadastro no site em que ocorreria o curso, além de um vídeo de boas-vindas que foi disponibilizado na plataforma e também algumas tarefas e materiais para que os estudantes iniciassem sua familiarização com o grego. Os horários em que ocorreriam as aulas foram combinados entre o professor e os estudantes, possibilitando a organização de um cronograma<sup>34</sup>, recurso que permitia o fácil acesso a toda a programação do curso.

Na primeira aula, foram apontados os principais materiais a serem utilizados no curso: o livro de *H&Q*, o diálogo *Críton*<sup>35</sup>, e também uma gramática de Português<sup>36</sup>, para auxiliar nas aproximações feitas entre nosso idioma nativo e o grego nas explicações mais voltadas à gramática e sintaxe. Foram expostos os critérios de avaliação quanto à participação no fórum, ressaltando a importância da presença frequente através de comentários pertinentes e estruturados, bem como a realização das atividades propostas e do estudo individual, de maneira similar aos cursos presenciais.

Nas aulas iniciais, foi feita a contextualização da inserção do grego antigo dentro da família linguística do indo-europeu, bem como foi dado um panorama geral dos eventos ocorridos na região do Egeu à época. A colaboração dos colegas que possuíam conhecimentos na disciplina da História via mensagem de texto (*chat*) durante as aulas ao vivo e também no fórum foi bastante positiva, especialmente para aqueles que não vinham desta área. Durante as aulas seguintes, iniciou-se a instrução voltada à gramática do grego, detalhando as particularidades do alfabeto e também os sinais diacríticos, acentos e pontuações. Ao iniciar o ensino dos nomes e declinações, um recurso empregado foi a comparação entre a forma de construção de orações em português e em grego, com exemplos para aproximar os discentes da sintaxe do grego, bastante diferenciada da nossa língua materna.

Desta forma, entrou-se no assunto dos casos de forma gradual. Para reforçar as explicações feitas durante as aulas, o professor propunha exercícios, cuja correção e esclarecimento de dúvidas ocorria antes que fossem ensinados novos assuntos. A seguir, foi explicado o vocabulário da Unidade 1 para que pudessemos fazer as traduções pertinentes ao final desta unidade.

Superada esta etapa, houve uma aula temática destinada à discussão do processo de Sócrates através da leitura do *Críton*, fazendo um contraponto da forma como o filósofo porta-se neste diálogo em comparação a um outro diálogo de Platão, *A Apologia de Sócrates*. Para aprofundar o estudo sobre o contexto do processo de Sócrates, houve a indicação de leituras adicionais, nomeadamente Azevedo (2006) e Amouretti; Ruzé (1993: 212-228). Além disso, foi feito um debate a partir de um programa televisivo<sup>37</sup> dedicado à relação entre Direito e Literatura no *Críton*. A aula na qual nós dialogamos sobre estes materiais foi diferenciada: o debate foi iniciado por uma das alunas, que utilizou o áudio durante parte da aula para apresentar seu entendimento do que ocorrera com Sócrates, juntamente com a

interação dos outros estudantes e do professor via *chat*. Este momento foi interessante para variar a didática das aulas, proporcionando uma transição agradável entre as duas unidades do livro.

A segunda unidade destinou-se a introduzir os verbos gregos. Evidenciou-se que, se nossa língua materna prioriza expressar o tempo, o grego enfatiza sobretudo o aspecto, ou seja, há um destaque prioritariamente no desenvolvimento interno da ação e não propriamente no momento temporal externo em que esta se realizou. Como a noção de aspecto não nos é habitual, isto foi sendo assimilado no decorrer das explicações e exercícios. Também aprendemos outras preposições e palavras que integravam o vocabulário da unidade, habilitando os discentes a traduzirem frases de maior complexidade.

Foi solicitado um trabalho de conclusão do curso a ser entregue ao professor após o término das aulas, que consistiu na escrita de um texto de três páginas abordando um (ou alguns) léxico(s) entre os substantivos da primeira e segunda declinações vistos durante o curso. Essa pequena investigação filológica foi feita a partir do *Perseus Digital Library*. Como preparação para o exercício final, foi proposto, nas últimas semanas do curso, um estudo dos nomes (substantivos) no *Crítón*. Para tanto, foram discutidos alguns léxicos presentes no diálogo, a partir de um material que foi elaborado pelo professor. Além disso, outros materiais adicionais foram indicados, como traduções em inglês e espanhol do texto, bem como um dicionário online em espanhol<sup>38</sup>, para aqueles que possuíam habilidade com estes idiomas e desejassem usá-los. Esta tarefa foi interessante para que pudéssemos nos iniciar na utilização de diferentes traduções comparadas em relação ao mesmo texto grego, observando os recursos empregados pelos tradutores e também os vários sentidos que uma mesma palavra pode assumir. Esse tipo de atividade permitiu que o aluno tivesse contato com uma obra histórica em sua forma “original”, por assim dizer, através do exercício com as palavras e os verbos na forma que eles são usados (ou encontrados) nos documentos que dispomos das obras antigas.

O caso do *Crítón*, junto ao trabalho com o *Perseus Digital Library*, são exemplos de que as atividades propostas ampliaram o aprendizado do grego consideravelmente, pois todo o conteúdo foi estudado através de aulas que dessem a noção de como uma obra antiga deve ser lida, estudada e citada. Por fim, as aulas sublinharam o contexto cultural de produção das obras, que, claro, é bem diferente do momento no qual são feitas as traduções que lemos.

## **2.2. Análise dos elementos do curso sob a ótica discente**

### **2.2.1. Didática e formas de avaliação**

Durante as aulas em tempo real foram utilizados vários materiais e recursos que ofereceram suporte à aprendizagem, como mapas, imagens ilustrativas, tabelas, diagramas, textos originais em grego, artigos, diferentes traduções, dicionários, áudios e vídeos. Também merecem destaque os materiais elaborados pelo docente, como os próprios *slides*, que eram explicativos e bem estruturados,

além de tabelas para auxiliar no entendimento dos aspectos gramaticais do grego, facilitando a resolução dos exercícios. Para o estudo do *Crítón*, foram feitos materiais específicos, um deles indicando as principais articulações narrativas do diálogo, e outro trazendo alguns vocábulos classificados de acordo com sua declinação e campo lexical, possibilitando a realização de um estudo de tipo filológico.

Além dos exercícios, as principais estratégias de avaliação foram a participação no fórum, testes de múltipla escolha e a tradução das frases contidas no final das duas unidades do livro de *H&Q*. Os testes, que eram feitos dentro da plataforma, foram propostos ao longo do curso para reforçar a aprendizagem, e em geral possuíam um grau adequado de dificuldade. O formato das questões, com alternativas, permitiu que o professor criasse um esquema onde a repetição e a memorização das formas e das regras estudadas fosse sentida na realização dos exercícios. Ao final destes, era possível conferir a pontuação obtida e a correção, com comentários do professor sobre as questões e respostas.

As traduções consistiram num ponto central do curso. Era necessário enviá-las em formato digitalizado ao docente, que apontava individualmente aos estudantes quais eram suas facilidades e dificuldades nesta tarefa. Além deste comentário individual, correções detalhadas eram feitas durante as aulas, acompanhadas de explicações e discussão de possibilidades de tradução com os estudantes. Com a consistência das explicações oferecidas sobre os elementos do grego, as dificuldades inerentes à língua foram superadas progressivamente, e a tarefa de traduzir foi se tornando algo possível conforme exercitávamos esta habilidade, ainda que vez ou outra nós sentíssemos alguma hesitação ou dificuldade.

### **2.2.2. Interação com o docente e com os demais estudantes**

A interação durante as aulas era constante e incentivada pelo ministrante, seja através de questionamentos, seja em resolução de exercícios, nos quais os discentes eram convidados a escrever no quadro. O diálogo entre os participantes do curso ocorria frequentemente, tanto nos tópicos abertos no fórum quanto em um grupo do *facebook*, criado com o objetivo de oferecer um espaço ampliado de diálogo, complementar ao fórum do *wiziq*. Ambos os espaços eram atualizados regularmente pelo docente e discentes.

Por meio destas ferramentas, era possível tirar dúvidas e compartilhar materiais, discutir o que estava sendo aprendido nas aulas e também falar de curiosidades referentes ao mundo grego. Como já foi exposto, este diálogo entre participantes e docente foi bastante proveitoso e proporcionou uma aproximação entre a turma que foi importante para estimular a participação e aprendizado. A regularidade com que as aulas ocorriam, havendo sempre a oportunidade de questionamentos e diálogos por meio do *chat* durante as aulas, além da participação na resolução de exercícios, trouxeram um sentimento de habitualidade que se diferencia do que geralmente encontramos ao realizar um curso virtual, no qual o discente deve estudar o conteúdo sozinho, quando desejar, algumas vezes com suporte do ministrante, outras vezes, não. Assim, a interação do grupo, com o bom relacionamento que tivemos ao longo das aulas, contribuiu para manter a dedicação com o estudo.

### 2.2.3. Acompanhamento das aulas por meio de gravações

Para além das aulas em tempo real, o estilo do curso permitiu a possibilidade que nós estudantes tivéssemos sempre o melhor horário para estudar. Por exemplo, para aqueles alunos que moram longe de locais com um especialista em língua grega a possibilidade de assistir as aulas gravadas é algo muito marcante nesse curso. Principalmente porque a gravação sempre era de uma aula ao vivo prestigiada pelos colegas de turma que tinham a possibilidade de fazer essa atividade com hora marcada. É interessante destacar que a aula gravada era um evento voltado para vivenciar uma dinâmica pedagógica, e não a simples transferência de conteúdo. Todo o raciocínio construído através de nossos problemas apresentados em atividades ou em discussões estava presente. Além disso, nessas aulas, o aluno poderia presenciar as dúvidas dos colegas (muitas vezes as suas também) e que eram prontamente respondidas pelo professor. Ou seja, a ferramenta (que nos pareceu excelente para o ensino de línguas) possibilitou a adaptação da rotina de qualquer estudante que estivesse disposto a estudar o grego antigo e a compreender sobre a cultura daquele período.

### Conclusão

Com o término da experiência aqui relatada, algumas considerações merecem ser formuladas. Uma primeira reflexão que pode ser feita refere-se à expressiva procura que ocorreu na altura da abertura das inscrições, o que é um elemento interessante a ser contrastado com os achados de Evans (2003), pois indica que apesar da diminuição do número de estudantes de línguas antigas no Ocidente, há interesse por iniciativas que viabilizem a aprendizagem do grego antigo na atualidade, fato este que mereceria ser melhor explorado por pesquisas futuras. Ao que nos parece, a possibilidade de desenvolver as habilidades necessárias para a leitura e interpretação dos textos em seu original (ainda) desperta o interesse daqueles que estudam e trabalham com a Antiguidade.

Além disso, é de destacar que uma experiência bem estruturada de curso online para debutantes em grego antigo pode ajudar a superar certas dificuldades frequentes no ensino-aprendizagem deste idioma. O meio virtual no qual o curso se desenvolveu possui o potencial de constituir turmas numericamente maiores do que as pequenas turmas presenciais que, quando muito, logramos formar em escolas ou universidades. A experiência do presente curso é promissora, também, pela possibilidade de oferecer um ambiente digital criado especificamente para o iniciante no grego antigo, uma vez que, como observa Major (2012), os recursos atualmente disponíveis via internet são mais apropriados para estudantes de nível intermediário e avançado, havendo ainda poucas opções para os iniciantes.

Por outro lado, por mais que a plataforma virtual utilizada no curso possua recursos inovadores que estimulam a interação entre discentes e docente, é um desafio para este formato de curso o desenvolvimento de mecanismos que ampliem a participação dos discentes principalmente durante as

aulas em tempo real, tornando-os sujeitos ativos na construção do conhecimento gerado durante o contexto da aula. A possibilidade que um docente de curso presencial tem de, por exemplo, fazer atividades em grupos durante a aula é um elemento diversificador e potencializador do aprendizado que não é simples reproduzir dentro de um formato virtual. Ainda assim, vale a pena pensar em estratégias virtuais que de algum modo simulem o potencial dinamismo de uma aula presencial.

Se a epígrafe que abre o artigo é acurada, e uma época talvez ainda mais adepta da constante rotação de novidades que a nossa geração vai mesmo por fim à leitura dos textos (imutáveis) dos antigos em suas línguas originais, ainda resta, aos amantes das línguas clássicas, a missão de fazer com que este esquecimento seja, por assim dizer, protelado.

### Referências Bibliográficas

ALLEN, Sidney W. *Vox Graeca*. The pronunciation of Classical Greek. 3th edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

AMOURETTI, Marie-Claire; RUZÉ, Françoise. *O Mundo Grego Antigo: dos palácios de Creta à conquista romana*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

AZEVEDO, Maria Teresa Schiappa de. No começo da Cidadania: Sócrates e Atenas. *Revista Filosófica de Coimbra*, n. 30, p. 383-394, 2006.

BALL, Robert J.; ELLSWORTH, J.D. The Emperor's New Clothes: Hyperreality and the Study of Latin. *The Modern Language Journal*, v. 80, n. 1, p. 77-84, 1996.

BALME, M; LAWALL, G. *Athenaze: an introduction to ancient greek. Book 1*. 2<sup>o</sup> edition. Oxford: Oxford University Press, 2003.

CALAME, Claude. Les sciences de l'Antiquité entre néolibéralisme et culture de supermarché: inflation bibliographique et désarroi méthodologique. *Les Cahiers du Centre de Recherches Historiques*, n. 37, p. 67-87, 2006.

CARPENTER, Daniel P. Reassessing the Goal of Latin Pedagogy. *The Classical Journal*, v. 95, n. 4, p. 391-395, 2000.

COLVIN, Stephen. *A Brief History of Ancient Greek*. Oxford: Wiley Blackwell, 2014.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. L. *Nova gramática do Português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAITZ, Stephen G. *The Pronunciation and Reading of Ancient Greek: a Practical Guide*. 2nd edition. New York: Jeffrey Norton Publishers, 1984.

DAVIS, Brent. Introduction to the Aegean Pre-Alphabetic Scripts. *KUBABA*, v. 1, p. 38-61, 2010.

DILLON, Matthew. The Erasmian Pronunciation of Ancient Greek: A New Perspective. *The Classical World*, v. 94, n. 4, p. 323-334, 2001.

EVANS, Richard L. S. Chrysoloras' Greek: The Pedagogy of Cultural Transformation. *American Classical League Newsletter*, p. 20-23, 2003.

FREIRE, António. *Gramática Grega*. 7. ed. Braga: Apostolado da Imprensa, 1987.

GRUBER-MILLER, J. (org). *When Dead Tongues Speak: Teaching Beginning Greek and Latin*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

- HANSEN, Hardy; QUINN, Gerald M. *Greek. An Intensive Course*. New York: Fordham University Press, 1992.
- KITCHELL, Kenneth F. et al. Greek 2000. Crisis, Challenge, Deadline. *The Classical Journal*, v. 91, n. 4, p. 393-420, 1996.
- KRASHEN, Stephen D. *Explorations in Language Acquisition and Use: The Taipei Lectures*. Portsmouth: Heinemann, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Principles and Practice in Second Language Acquisition*. Oxford; New York: Pergamon, 1982.
- LIGHTBOWN, Patsy M.; SPADA, Nina. *How Languages are Learned*. 3th edition. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LUKINOVICH, Alessandra; STEINRÜCK, Martin;. *Introduction à l'accentuation grecque antique*. Genève: Édition Chêne-Bourg, 2009.
- LURAGHI, Nino. The Local Scripts from Nature to Culture. *Classical Antiquity*, v. 29, n. 1, p. 68-91, 2010.
- MAGUEIJO, Custódio. *Grego Básico: Εἰπέ μοι*. Lisboa: edições Colibri, 1999.
- MAJOR, Wilfred E. Teaching and Testing Classical Greek in a Digital World. *Classical Outlook*, v. 89, n. 2, p. 36-39, 2012.
- MAJOR, Wilfred E.; STAYSKAL, Byron. Teaching Greek Verbs: A Manifesto. *Teaching Classical Languages*, v. 3, n. 1, p. 24-43, 2011.
- MASTRONARDE, Donald J. *Introduction to Attic Greek*. Second Edition. Los Angeles; London: University of California Press, 2013.
- MURACHCO, Henrique. *Língua Grega: Visão Semântica, Lógica, Orgânica e Funcional*. Vol. 1 - Teoria. São Paulo: Editora Vozes, 2001.
- NOGUEIRA, José O. Introdução. In: CHEVITARESE, André L.; CORNELLI, Gabriele; SILVA, Maria A. O. (Org.). *A Tradição Clássica e o Brasil*. Brasília: Fortium, 2008. p. 5-17.
- PEREIRA, Cristóvão. Devido ao desaparecimento das línguas e culturas clássicas: escolas estão a formar uma 'geração de órfãos'. *Boletim de Estudos Clássicos*, v. 54, p. 107-111, 2010.
- PLATÃO. *Éutifron, Apologia de Sócrates, Críton*. Tradução, introdução e notas de José Trindade Santos. 4. ed. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1993.
- RAU, Jeremy. Greek and Proto-Indo-European. In: BAKKER, Egbert J. (Org.). *A Companion to the Ancient Greek Language*. Chichester: Wiley-Blackwell, 2010, p.171-188
- SILVA, Semíramis C. Aspectos do ensino de História Antiga no Brasil: algumas observações. *Alétheia: Revista de estudos sobre Antiguidade e Medievalidade*, v. 1, n. 1, p.145-155, jan./jul. 2010.
- STEINRÜCK, Martin. Bibliographie homérique: années 1991-1994. *Gaia*, n. 1/2, p. 83-231, 1997.

### Notas

<sup>1</sup> “Chegará um dia quando ninguém mais lerá o Grego Antigo. Todavia, Homero e o Novo Testamento quase certamente serão os dois últimos a serem esquecidos”. A citação é do artigo publicado em 2000 por Martin Mueller intitulado “*Electronic Homer*” e disponível no site da revista Ariadne: <http://www.ariadne.ac.uk/issue25/mueller/>. Todos os sítios eletrônicos indicados neste artigo foram consultados pela última vez em junho de 2015. Todas as traduções de citações de autores modernos presentes no texto são de nossa autoria.

<sup>2</sup> É possível ter uma noção da quantidade vertiginosa, em âmbito internacional, de publicação sobre o mundo antigo ao lermos o levantamento bibliográfico referente apenas aos textos de Homero, feito por Steinrück (1997): entre 1991 e 1994 é contabilizado o impressionante número de 1097 obras, entre livros e artigos.

<sup>3</sup> Para uma provocativa sugestão de que esta "inflação" bibliográfica da produção internacional em estudos clássicos responde, em parte, a uma corrida pela produção e consumo típica do capitalismo neoliberal, cf. Calame (2006).

<sup>4</sup> O panorama europeu e norte-americano da frequência de cursos de grego pode ser conferido no recente levantamento estatístico organizado pela associação italiana *TreeLLLe* na sua edição de *Questioni aperte*, de 2008, disponível em <http://www.treelle.org/latino-perché-latino-chi>. Para a situação da perda de importância do Latim e do Grego na escola portuguesa, vide Pereira (2010), embora o ano de 2015 seja antes promissor em relação ao ensino destas línguas no meio escolar devido ao Projeto de promoção das culturas e línguas clássicas a ser introduzido nas escolas, cf. <http://www.publico.pt/portugal/noticia/latim-a-remar-contra-a-mare-1690948?page=-1>, bem como [http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content\\_id=4605642](http://www.dn.pt/inicio/portugal/interior.aspx?content_id=4605642).

<sup>5</sup> Sobre este cenário de discrepância entre pesquisa e ensino nas clássicas, além do artigo de Evans (2003), conferir o texto de Miguel Monteiro disponível em <http://pedradaponte.blogspot.com.br/2013/11/por-amor-ao-grego-notas-sobre-o-ensino.html>.

<sup>6</sup> Como lembra Nogueira (2008), dois eventos importantes que ocorreram na década de 80, na qual este movimento ganhou força, foram a fundação da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos (SBEC) em 1985 e a publicação da revista *Clássica*, em 1988, da própria SBEC.

<sup>7</sup> Sobre a crescente expansão dos estudos sobre antiguidade no Brasil ver as recentes discussões feitas por Nogueira (2008) e Silva (2010).

<sup>8</sup> A princípio, o curso foi divulgado com apenas duas horas de aulas semanais, porém quando as aulas começaram, os próprios estudantes propuseram que a carga horária das aulas fosse aumentada, com o objetivo de discutir os assuntos com mais tempo.

<sup>9</sup> A aula funcionava em tempo real, mas era gravada pelo próprio sistema do *wiziq* e disponibilizada na plataforma do curso durante os sete dias seguintes à aula em questão, de modo que era sempre possível para o estudante ver ou rever a aula com flexibilidade de tempo. Para uma apresentação, em inglês, das funcionalidades da sala de aula virtual do *wiziq* veja o vídeo de divulgação da empresa: <https://www.youtube.com/watch?v=1QLtpq1tOFA>.

<sup>10</sup> A divulgação do material publicitário do curso pela página da ANPUH (Associação Nacional dos Professores Universitários de História) no *facebook* foi tão eficiente que não foram poucas pessoas que mandaram a carta para "o curso de grego da ANPUH". Fica aqui registrada uma nota de agradecimento aos moderadores da página da ANPUH no *facebook* pela sensibilidade em perceber que o conhecimento do grego antigo é de utilidade para o profissional de História.

<sup>11</sup> Essas cartas de motivação permitiram ao docente ter uma amostra muito rica dos interesses de um perfil variado de pessoas em relação ao grego. O fato, contudo, da divulgação ter incidido sobretudo no meio virtual frequentado por historiadores e filósofos fez com que as pessoas dessas duas áreas fossem maioria.

<sup>12</sup> Trata-se de uma resenha publicada online pela *Bryn Mawr Classical Review*. Ela está disponível em: <http://bmcr.brynmawr.edu/2005/2005-05-14.html>.

<sup>13</sup> Note a diferença em relação, por exemplo, ao método do livro *Athenaze* (Balme; Lawall 2003), onde o artigo é apresentado com sua declinação no singular na página 20, e apenas na página 31 surgem as formas plurais do artigo. O método elaborado em português por Magueijo (1999) opta por fornecer as informações gramaticais de maneira ainda mais gradual que o *Athenaze*. Bem entendido, não se trata de algum defeito que estes métodos teriam sobre este quesito, mas sim de uma opção pedagógica distinta do livro que foi escolhido como base para o curso online objeto deste artigo.

<sup>14</sup> Para uma visão balanceada das vantagens e desvantagens dos livros em língua inglesa que propõem métodos de ensino do grego antigo, cf. Kitchell et al. (1996).

<sup>15</sup> Ver, por exemplo, Krashen (1982; 2003). Para um didático panorama sobre os estudos, sobretudo em língua inglesa, acerca do ensino-aprendizagem de uma segunda língua moderna, ver Lightbown; Spada (2006).

<sup>16</sup> Por exemplo, os cursos presenciais imersivos da escola italiana *Academia Vivarium Novum*.

<sup>17</sup> A sistematização mais útil e bem informada dos avanços da fonética histórica do grego antigo, com uma tentativa de reconstrução de como seriam os sons das letras do grego ático no período clássico da Grécia é, sem dúvida, Allen (1987). De forma complementar, é interessante consultar o guia prático, acompanhado de áudio baseado na pronúncia restaurada de Allen, feito por Daitz (1984).

<sup>18</sup> Uma boa discussão de práticas pedagógicas que estimulam a competência oral das línguas clássicas está contida em Gruber-Miller (2006).

<sup>19</sup> Como sustentam Ball; Ellsworth (1996). Carpenter (2000) defende que o principal objetivo da pedagogia do Latim é desenvolver habilidades de pensamento analítico entre os estudantes, e não restritivamente a leitura e compreensão dos textos em língua original.

<sup>20</sup> A discussão sobre o desafio de introduzir o *Perseus Digital Library* em um curso para iniciantes merece um artigo próprio, que o docente do atual curso pretende escrever brevemente.

<sup>21</sup> Enquanto o assunto propedêutico não se encontra no livro base do curso e foi completamente elaborado pelo docente, a fase introdutória e as duas unidades partiram da sequência do conteúdo como proposta por H&Q.

<sup>22</sup> Na segunda parte do artigo, reservada à perspectiva dos discentes, é possível ler mais detalhes sobre os assuntos e as atividades vistas e realizadas durante o período letivo do curso.

---

<sup>23</sup> A fase Indo-europeia (4º e 3º milênios), a fase Proto-Grega (final do 3º milênio), o período Grego do segundo milênio (grego micênico) e o Grego do primeiro milênio (grego da época alfabética). Para detalhes sobre o fundamento desta periodização, ver *Rau (2010)*.

<sup>24</sup> É preferível falar da construção do grego (povo e língua) em interação com as culturas egeias, antes que supor a “chegada dos gregos” à Grécia. Sobre isso ver *Colvin (2014: 17:31)*.

<sup>25</sup> Para uma introdução aos sistemas de escrita do Egeu antes da introdução do alfabeto, ver *Davis (2010)*.

<sup>26</sup> Uma interpretação identitária ou política dos alfabetos locais pode ser lida, por exemplo, em *Luraghi (2010)*.

<sup>27</sup> O artigo de Major; Stayskal (2011) fornece, contudo, bons argumentos a favor do ensino das principais combinações de sons do grego antigo (sigma com certas consoantes adjacentes, alongamento e abreviamento de sons vogais, contração de vogais) já no curso para iniciantes. É preciso notar, todavia, que o texto de Major; Stayskal (2011) visa um curso introdutório com mais carga horária do que este que estamos discutindo.

<sup>28</sup> Outros exemplos podem ser lidos em <http://atticgreek.org>.

<sup>29</sup> Quando os bizantinos organizaram a notação gráfica dos acentos das edições gregas que possuímos, eles já utilizaram um acento de intensidade, que marca como acento uma sílaba por palavra, onde, provavelmente, ocorria a subida da curva melódica.

<sup>30</sup> *Mora* (sing.), *Morae* (pl.), é uma palavra latina que significa “um intervalo de tempo”.

<sup>31</sup> A presente explicação, incluindo alguns exemplos utilizados, sobre os conceitos de co-intonação, *mora*, bem como sobre o princípio geral da acentuação, foi feita principalmente a partir de *Mastronarde (2013: 17-22)*, bem como do tutorial sobre acentuação feito por este mesmo autor e disponível via internet no sítio <http://atticgreek.org/accent/accenuation.html>.

<sup>32</sup> Como decorre da presente explanação da acentuação em grego, é importante que o estudante tenha uma noção básica da divisão silábica. Exemplos abundantes em sala e no fórum, bem como exercícios individuais, buscaram garantir que os discentes praticavam a divisão silábica.

<sup>33</sup> Não se trata aqui de uma observação preconceituosa sobre outros cursos de grego, mas da experiência de aprendizado que um dos discentes que escreveu estas linhas teve com outros cursos de grego antigo.

<sup>34</sup> Este cronograma estava localizado na própria plataforma, no qual era possível visualizar as semanas e dias do curso, com os respectivos planos de aula, os materiais pertinentes e também a gravação da aula após seu término, além de atividades e testes a serem realizados.

<sup>35</sup> Para este diálogo de Platão (1993), foi utilizada a tradução de José Trindade Santos. Também foi disponibilizada uma edição em grego do diálogo.

<sup>36</sup> A gramática do português aqui mencionada refere-se à obra de Cunha; Cintra (2001).

<sup>37</sup> Este programa, divulgado via *Youtube* pela TV e Rádio Unisinos, pode ser visualizado a partir dos seguintes links: <https://www.youtube.com/watch?v=FDtmjXu2v70> e [https://www.youtube.com/watch?v=kT\\_1SIZ7MIA](https://www.youtube.com/watch?v=kT_1SIZ7MIA).

<sup>38</sup> O dicionário pode ser consultado em <http://dge.cchs.csic.es/xdge/>.